

**A ETIOLOGIA DO CULTO A JUPITER ELICIUS
SEGUNDO O TERCEIRO LIVRO DOS FASTOS DE OVÍDIO**

Eliana da Cunha Lopes (FGS/RJ)
elianalatim@yahoo.com.br

... o poema intitulado *Fastos* (*Fasti*) se diferencia das demais obras ovidianas pelo tom, pelo assunto e pela possível finalidade. O tom é acentuadamente didático; o assunto é bastante original...

(Cardoso, 2003, p. 115)

RESUMO

Nosso trabalho parte do terceiro livro dos *Fastos* (*Fasti*), obra escrita pelo sulmonense Públio Ovídio Nasão (*Publio Ovidius Naso*). Analisaremos, particularmente, os versos 285-328, onde o poeta narra a etiologia do culto de *Jupiter Elicius* no Monte Aventino. Nestes versos, *corpus* deste trabalho, pretende-se apresentar, de forma breve, a visão de Ovídio sobre a aparição de Júpiter, *deum genitor*, a Numa Pompílio e sobre a intervenção dos deuses silvestres: *Faunus* e *Picus*.

Palavras-chave: *Fasti*. Ovídio. Etiologia.

1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo mostrar a etiologia do culto a Júpiter Elício. Abordaremos, particularmente, os versos 285-328, retirados do Terceiro Livro dos *Fastos*, poema escrito pelo sulmonense, Públio Ovídio Nasão, (em latim, *Publius Ovidius Naso*), na maturidade. Nos versos relacionados, o vate narra a etiologia – a ciência das causas – do culto a Júpiter Elício.

O terceiro livro dos *Fastos*, *corpus* deste artigo, engloba um total de 884 versos, elaborados em dísticos elegíacos (hexâmetro e pentâmetro) abrangendo o mês de março: *martius mensis*, o mês que, no antigo calendário, iniciava o calendário romano.

Segundo a tradição, Rômulo, o primeiro rei de Roma, organizou um calendário de natureza lunar; isto é, composto por dez meses, desde março a dezembro, num total de 304 dias. Com o primitivo calendário da cidade de Roma, Rômulo resolveu homenagear seu pai mitológico – o deus Marte – honrando-o com este mês que começava em 1 de março.

Ille minor geminus mensibus annus erat

(Ov., F., 3, 100)

(Aquele ano era menor em dois meses).

Mais tarde Júlio César, numa reforma aconselhada pelo astrônomo alexandrino Sosígenes, adaptou um calendário com 365,25 dias no ano trópico, que mesmo assim era maior que o ano solar em 11 minutos e 14 segundos.

Dentre os temas desenvolvidos no terceiro livro dos Fastos, podemos destacar: vv. 1-8: a invocação ao deus Marte (Mars) Bellice (o! deus belicoso); vv. 9-40: Marte e a Vestal Reia Sílvia, onde Rômulo dar o nome de seu pai mitológico ao primeiro mês do antigo ano e narra o nascimento e a juventude dos gêmeos Rômulo e Remo, filhos do deus Marte e da Vestal Reia Sílvia; vv. 167-258 – 1º de março – dedicado à festa das matronas – *Matronalia* –; vv. 523-542 – 15 de março – *Idus* – festa dedicada à deusa Ana Perena com a descrição dos rituais e dos festejos populares, vv. 697-710 – 15 de março – aniversário do assassinato de Júlio César e sua apoteose; vv. 809-848 – festa em honra de Minerva – *Quinquatrias*, no dia 19 de março.

2. *Análise do texto*

O texto analisado em nosso trabalho inicia-se no verso 285 onde o poeta-narrador denomina Júpiter como *deum genitor*. O vocábulo *deum*, em genitivo plural de *deus*, *-i*, por motivo de métrica no hexâmetro, é registrado em sua forma arcaica no lugar de *deorum*.

O termo *genitor*, *-oris* provém do verbo transitivo *gignere* em sua acepção de dar nascimento, origem a, gerar, pois Júpiter era o pai biológico dos deuses superiores.

Júpiter, o deus dos deuses, por excelência o deus do panteão romano, na mitologia latina espargue (*spargit*), as chamas brilhantes pelas nuvens ... *rutilas per nubila flammis*, metáfora que designa os raios, verso 286, e seca, *siccat* o céu, *aethera*, derramando as águas, metáfora de chuvas sobre a terra. Como deus dos raios e dos trovões, Júpiter é invocado sob o epíteto de *Elicius*, *Elicium*, verso 328, o deus que vem do alto.

No verso 288, o *Rex pauet*, rei que fica apavorado diante das chamas, *ignes*, verso 287, enviadas por Júpiter que caem sobre a terra

com muita frequência, *frequentius*, verso 287, é Numa Pompílio que segundo Grimal (2000, p. 333) é o rei mágico, introdutor do culto de Júpiter Elício em Roma. Assim como Numa, o povo romano também apavora-se com as chamas avermelhadas emitidas por Júpiter e um terror, verso 288, instala-se no peito do povo romano.

Numa Pompílio (*Numa Pompilius*), versos 305e 309, é o segundo rei de Roma, nascido no dia da fundação da cidade. Segundo a lenda, foi introdutor dos meses de janeiro e fevereiro do atual calendário, ao perceber que não havia coincidência entre os meses do antigo calendário lunar, instituído por Rômulo, com as colheitas efetuadas.

Com o desenvolvimento e fortalecimento das estruturas políticas da Cidade, Júpiter ocupou um lugar de destaque na religião romana. Surge como o poder supremo, como um dos *Dii Consentes*, o deus do Concílio dos Deuses de quem emana toda a autoridade e, por excelência, o deus do panteão romano. Surge, também, como divindade do céu, da luz divina, das condições climáticas e também do raio e do trovão, com o epíteto de Júpiter Elício, verso 328. Em Roma, seu reinado é sobre o Monte Capitólio, uma das sete colinas (Aventino, Célio, Palatino, Quirinal, Viminal, Esquilino) que protegem Roma, cidade localizada próximo ao Mar Mediterrâneo. Segundo Vergílio, o Monte Capitólio, que lhe é especialmente consagrado, permanecia coberto de carvalhos, árvores consagradas ao deus.

Cui dea, sem nenhuma dúvida, é a deusa Egéria que, em discurso direto, versos 289 a 293, explica a Numa Pompílio como a cólera do cruel Júpiter, *saevi Iouis*, verso 290, pode ser aplacada. A deusa Egéria, diante do terror causado pelos raios do deus a Numa e ao peito do povo romano, o adjetiva de *saevi*, selvagem, cruel.

A deusa Egéria que, segundo Grimal (2000, p. 129), era uma ninfa de Roma que parece ter sido originariamente uma deusa das fontes ligada ao culto de Diana dos Bosques e que fora a conselheira do piedoso rei Numa Pompílio, identificada ora como sua esposa ora como sua amiga, a qual lhe ensinou os ritos religiosos e as formas eficazes de governar, quando, à noite, vinha ministrar-lhe conselhos, na gruta das Camenas, junto de uma fonte sagrada.

No verso 293, a deusa Egéria ensina a Numa, rei de origem sabina e com poderes mágicos, como abrandar a ira de Júpiter. O rei deveria acorrentar os deuses silvestres, *Picus* e *Faunus*, deuses itálicos não provenientes da mitologia grega. São designados no verso 292 como deuses

do solo romano *numen uterque*.

Continuando em seu relato, o poeta Ovídio descreve, entre os versos 295-8, com imensa plasticidade, o bosque no Monte Aventino onde os deuses silvestres habitavam.

A descrição se inicia com a adjetivação de *niger* para *Lucus*, o bosque à sombra da azinheira, *ilex*, morada dos deuses silvestres. No meio deste bosque, *Lucus*, havia relva, *gramen*, verso 297, coberta com musgo verdejante, musco... *uirenti*, de onde um veio de água contínua, *perennis*, verso 298, brotava da pedra; a fonte encontrava-se dentro da caverna. E era a esta fonte de água refrescante que os deuses vinham beber.

O deus silvestre Pico, segundo Grimal (2000, p. 173), teria sido um magnífico adivinho, cujos poderes mágicos emanavam de um picanço, ave profética por excelência; quanto a Fauno, parece ter sido um antiquíssimo deus romano, cujo culto estava localizado no Monte Palatino. Protetor, em particular dos rebanhos e dos pastores, fato que aproxima sob influência grega, a sua identificação com o deus arcádico Pã. (*Idem*, p. 166).

Para acorrentar os deuses silvestres, missão que, segundo os conselhos de Egéria, não seria conseguida sem o uso da força física. *Nec sine ui tradent*, verso 295, o rei Numa, imola, *mactat ouem*, verso 300 uma ovelha à fonte e dispõe, *disponit*, verso 301, copos, *pocula* cheios de vinho, verso 302, *plena odorati ...Bacchi*. O poeta utiliza a metonímia Bacchus para designar vinho.

Seguindo em seu relato, o poeta-narrador nos diz que Numa Pompílio e seus companheiros permanecem escondidos, *conditus ...latet*, verso 302, dentro da gruta. E, como num ato costumeiro, os deuses silvestres *Picus* e *Faunus*, *numina*, verso 303, vêm, *ueniunt*, à fonte beber e refrescam os peitos secos com muito vinho, *multo... mero*, verso 304.

Nos versos 292 e 303, o poeta utiliza o termo *numina* para designar os deuses silvestres em oposição a *deum*, verso 285 e *dea*, verso 289, respectivamente para Júpiter Elício e Egéria. No verso 314, *numina* é utilizado com a acepção de poderes mágicos na fala de *Faunus*.

Acometidos pelo torpor do vinho, *Bacchi*, verso 301, e *multo... mero*, verso 304, *Uina*, verso 305, os deuses adormecem e Numa aproveita o repouso e acorrenta Pico e Fauno. O poeta utiliza o presente histórico e diz que Numa sai, verso 305, da caverna fria,

gelido Numa prodit ab antro,

e coloca as mãos adormecidas, por causa do frio da caverna, nas cordas apertadas:

Uinclaque sopitas addit in arta manus.

No pentâmetro, verso 306, por motivo da métrica, o vocábulo *uincula* se encontra na forma sincopada *uincla*, fato que não ocorre no verso 307.

Numa faz o que Egéria lhe ensinou. Ao desaparecer (*abscessit*) o torpor do sono, produzido pelo vinho, os deuses silvestres lutam para romper, *rumpere* verso 308, as cordas, porém quanto mais tentam libertar-se, mais as cordas os apertam.

Para o poeta, em se tratando de Ovídio, é mais apropriado que se diga *vates*, segundo o verso 326 (*vatis*) aquele de cuja boca é lícito que sejam ditas e aprendidas as palavras piedosas, o poeta iluminado. Neste verso, o poeta registra o adjetivo *pius* (pio) o *pius uatis*, poeta querido dos deuses numa alusão a Ovídio. O adjetivo, de origem religiosa, proveniente do verbo *piare*, é empregado no gerúndio no verso 291, *piandi*, para adjetivar o ritual, *ritum* de purificação que, segundo a deusa Egéria poderia ser ensinado pelos deuses do solo romano, *Romani numen... soli*, verso 292, *Picus Faunusque*, verso 291.

Pius, -a, -um é o adjetivo também utilizado pelo poeta mantuano Vergílio ao qualificar, na Eneida, Eneias, o Pius Aeneas (4,393), o herói que obedece às ordens dos deuses.

At pius Aeneas, ...

Dos versos 309 a 311, o poeta-narrador nos relata a fala do rei mágico, em discurso direto, aos deuses acorrentados, aos quais solicita perdão, *ignoscite*, verso 309, pelo procedimento, *factis*, verso 309, a que foi obrigado a fim de conseguir a fórmula de como aplacar a ira de Júpiter, declarando ainda que o crime (*scelus*), verso 310 não era sua prática.

Grimal (*idem*, p. 333) menciona que Numa aprisionara os deuses silvestres Pico e Fauno, no Monte Aventino, misturando mel e vinho à água da fonte em que bebiam e, quando os teve em seu poder, forçou-os a revelar a fórmula. Embora os deuses tomassem os mais variados aspectos de seres aterradores, vencidos, revelaram ao rei mágico o poder de encantamento contra os raios e os trovões arremessados por Júpiter.

No verso 308, o advérbio comparativo *fortius* concebe ao texto

um caráter semântico de intensidade, pois quanto mais os acorrentados lutam para romper as cordas, uincola, verso 302, mais apertadas elas se tornam.

Entre os versos 313-318, em discurso direto, o poeta nos revela o discurso de Fauno que, agitando os seus chifres, quatiens cornua, verso 312, responde a Numa, alertando-o de que aquilo que ele pede, verso 313, não é lícito ao rei aprender pelos seus conselhos, visto que seus poderes divinos são limitados, informando ao emissor que são deuses agressivos, *Di sumus agrestes*, verso 315 e que reinam sobre altas montanhas, *in altis montibus*, verso 315-316. Segundo *Picus* e *Faunus* o arbítrio cabe a *Jupiter Elicius* com seus raios, tela v. 316. A fim de atender o pedido de Numa, *Picus* exige que as cordas sejam retiradas, *Deme... nobis uincola*, verso 320, e, promete a Numa que Júpiter virá, *ueniet*, verso 321, através de um artifício rigoroso, *ualida... ab arte*, para o lugar descrito anteriormente nos versos 295-298.

O poeta utiliza o advérbio de lugar *huc*, nos versos 300 e 321, para enfatizar e determinar o local certo para onde o personagem da narração, *Jupiter*, se dirigirá: *Huc uenit, /... huc ueniet*,

A fim de consolidar sua promessa, *promissum*, verso 322, *Picus* jura pelo sombrio Estige, *promissi Styx*, rio do mundo infernal pelo qual os deuses prestavam um juramento que não podia ser quebrado.

O deus do povo romano, *Picus*, segundo Grimal (*idem*, p. 373) é um antigo rei do Lácio que reinava sobre os aborígenes, a primeira população da região, também como um magnífico adivinho.

O poeta retoma a fala no verso 323. No verso 325 utiliza-se de uma máxima ao declarar que

Scire nefas homini: Emissi quid agant laqueis, quae carmina dicant, quaeque trahant superis sedibus arte Jouem: nobis concessa canantur, quaeque pio dici uatis ab ore licet.

É proibido ao homem saber o que os deuses silvestres (*Picus* e *Faunus*) farão libertados dos laços, que versos dirão e com que sortilégio (eles) trarão Júpiter das regiões superiores :que sejam reveladas as coisas permitidas a nós e que seja lícito dizê-las pela boca de um poeta inspirado.

Pius uatis, verso 326, piedoso poeta, é, sem dúvida, a valorização e o reconhecimento máximo do poeta Ovídio. É, através da boca do poeta iluminado que as palavras que são lícitas devem ser reveladas.

Eliciunt, verso 327, no presente histórico, *elicere* – tirar de, fazer

sair por ardil ou por magia. Como deus do raio, Júpiter é invocado sob o epíteto de *Elicius*, verso 328. É Júpiter quem atrai o raio do céu, ((*ex*) *caelo*, ablativo de ponto de partida) e, sobretudo, quem permite a Numa Pompílio, o segundo rei de Roma, trazê-lo do céu através do sortilégio, *arte*, verso 324, dos deuses agrestes que reinam sobre as altas montanhas e que ensinaram o rito de purificação, *ritum... piandi*, verso 291.

Júpiter Elício, o deus que vem do alto, trazido pelos deuses silvestres, é celebrado pelos pósteros, *minores*, verso 327, sendo aclamado e chamado pelo nome de Elício.

Numa Pompílio, ao seguir o conselho da deusa Egéria e com a arte, verso 324, de *Faunus Picusque*, versos 291 e 299 consegue abrandar o raio, verso 289 e a ira, a cólera, verso 290 do feroz Júpiter que, como deus é imortal. O terror, verso 298 é aplacado no peito do povo romano.

O texto latino

Ecce deum genitor rutilas per nubila flammas
Spargit, et effusis aethera siccant aquis.
Non alias missi cecidere frequentius ignes:
Rex pavet, et vulgi pectora terror habet.
Cui dea: “ne nimium terrere: piabile fulmen
Est, ait, et saevi flectitur ira Iovis. 290
Sed poterunt ritum Picus Faunusque piandi
Prodere, Romani numen uterque soli
Nec sine vi tradent: adhibeto vincula captis”
Atque ita qua possint, erudit, arte capi.
Lucus Aventino suberat niger ilicis umbra 295
Quo posses viso dicere: Numen inest.
In medio gramen, muscoque adoperta virenti
Manabat saxo uena perennis aquae.
Inde fere soli Faunus Picusque bibebant.
Huc uenit et fonti rex Numa mactat ouem 300
Plenaque odorati disponit pocula Bacchi,
Cumque suis antro conditus ipse latet.
Ad solitos ueniunt silvestria numina fontes;
Et relevant multo pectora sicca mero.
Vina quies sequitur: gelido Numa prodit ab antro 305
Uinclaque sopitas addit in arta manus.
Somnus ut abscessit, tentando vincula pugnat
Rumpere; pugnantes fortius illa tenent.
Tum Numa: “di nemorum, factis ignoscite nostris,
Si scelus ingenio scitis abesse meo; 310
Quoque modo possit fulmen monstrate piari.”
Sic Numa; sic quatiens cornua Faunus ait:
“Magna petis, nec quae monitu tibi discere nostro
Fas sit: habent fines numina nostra suos.
Di sumus agrestes, et qui dominemur in altis 315

Montibus; arbitrium est in sua tecta Iovi.
Hunc tu non poteris per te deducere coelo:
At poteris nostra forsitan usus ope.”
Dixerat haec Faunus: par est sententia Pici;
“Deme tamen nobis vincula, Picus ait, 320
Iupiter huc veniet, valida deductus ab arte:
Nubila promissi Styx mihi testis erit.”
Emissi quid agant laqueis, quae carmina dicant,
Quaque trahant superis sedibus arte Iovem,
Scire nefas homini: nobis concessa canentur 325
Quaeque pio dici vatis ab ore licet.
Eliciunt coelo te, Iupiter, unde minores
Nunc quoque te celebrant Eliciumque vocant.

A tradução

Eis que o pai dos deuses espargue as chamas brilhantes pelas nuvens e seca o céu, derramando as águas. Outras vezes, as chamas enviadas não caíram com mais frequência: o rei (Numa Pompílio) fica apavorado e o terror se instala no peito do povo. A deusa (Egéria) disse-lhe: “Não te espantes; o raio pode ser aplacado e a cólera do selvagem Júpiter pode ser abrandada. Mas Pico e Fauno, cada um deles deus do solo romano, poderão ensinar o rito de purificação, mas não o ensinarão sem o uso da força. Coloca-lhes correntes após captura-los”. Também Egéria ensina com que artifício eles poderão ser capturados. Havia um bosque no Monte Aventino, à sombra de uma azinheira, do qual, ao vê-lo, poderias dizer: Aqui vive um deus. No meio (do bosque negro), havia relva coberta com musgo verdejante, um veio de água contínuo brotava da pedra. Daí, quase que sozinhos, Pico e Fauno bebiam. O rei Numa Pompílio vem e imola uma ovelha à fonte e arruma copos cheios de vinho perfumado e ele próprio permanece escondido na gruta com seus acompanhantes. Os deuses silvestres vêm à fonte costumeira e refrescam os peitos secos com muito vinho. O repouso acompanha o vinho. Numa sai de dentro da caverna fria e coloca as mãos adormecidas dos deuses nas cordas apertadas. Logo que o sono desapareceu, lutam para romper as cordas que apertam com mais força os que lutavam. Então Numa diz: “Ó deuses dos bosques, perdoai os meus procedimentos, se sabeis que o crime está longe do meu caráter. Mostrai-me de que modo o raio possa ser aplacado”. Assim falou Numa. Assim Fauno, agitando os chifres, respondeu: “Pedes grandes coisas as quais não te é lícito aprender pelo nosso conselho, os nossos poderes têm seus limites. Nós somos deuses agrestes e reinamos sobre as altas montanhas. O arbítrio cabe a Júpiter sobre seus raios. Tu não poderás trazê-los do céu por ti; mas tu poderás talvez fazê-lo, usando nosso auxílio”. Fauno dissera estas palavras. Uma sentença igual dissera Pico: “Retira-nos as cordas. Júpiter virá aqui e será trazido por um artifício rigoroso. O sombrio Estige (Styx) será testemunha de minha promessa”. É proibido ao homem saber o que eles (Pico e Fauno) farão libertados dos laços, que versos dirão e com que sortilégio trarão Júpiter das regiões superiores. Que sejam celebradas as coisas permitidas a nós e que as coisas que são lícitas sejam ditas pela boca piedosa do poeta. Ó Júpiter, eles te trazem do céu donde os pósteros agora também te celebram e te chamam pelo nome de Elício.

3. Conclusão

Os Fastos, obra incompleta composta apenas por seis livros, em dísticos elegíacos, escritos na maturidade do poeta Ovídio, constituem de um calendário romano poético dos seis primeiros meses do ano romano. Etimologicamente, significa dias favoráveis aos negócios e à administração da justiça, em oposição aos dias nefasti, nos quais não funcionam os tribunais.

Na obra *Fasti*, o leitor encontra explicações de inúmeras festas e cerimônias religiosas romanas, a origem e o nome de várias divindades (etiologia), observações astronômicas e previsões do tempo em relação ao trabalho do campo, num estilo elegante e erudito, técnica própria do vate Ovídio, pois ele mesmo declarava que quando se dedicava à escrita, sem querer, fluíam versos.

Em nosso trabalho, partimos do terceiro livro desta obra, destacando, particularmente, os versos 285-328, do mês de março: *martius mensis*, o mês que, no antigo calendário, iniciava o calendário romano, consagrado a *Mars*, -*Marte*-, o deus da guerra e pai mitológico de Rômulo (o fundador de Roma) e de Remo.

No *corpus* de nosso trabalho, constatamos, através dos versos traduzidos, a importância do conhecimento erudito, a prodigiosa facilidade ao escrever, o preciosismo da forma e da composição e as explicações do poeta que, após minucioso levantamento feito nos pergaminhos e/ou códices existentes em bibliotecas romanas, trouxe-nos o conhecimento sociocultural e religioso de uma fase da história romana, fatos que na época da publicação dos *Fasti* já estavam esquecidos ou mesmo eram ignorados pelos romanos.

Nos versos destacados, Ovídio narra a etiologia do culto a Jupiter Elicius, partindo da figura do segundo rei de Roma – *Numa Pompilius* – e da intervenção ardilosa dos deuses silvestres *Picus* e *Faunus* que, após serem capturados, auxiliam o rei-sacerdote Numa a trazer do céu, através do sortilégio “*arte*”, verso 324, Júpiter Elício, o deus que vem do alto, para ser aclamado e invocado pelos pósteros – *minores*, verso 327, sob o epíteto *Elicius*.

Pontuamos também a importância da deusa Egéria que explica a Numa como a cólera do feroz Júpiter pode ser aplacada, retirando o terror de Numa e do peito do povo romano.

Segundo Cardoso (2003, p. 117),

Depois de Ovídio, a poesia didática perdeu, em parte, a importância de que desfrutara. Embora continuem a surgir textos filiados a esse gênero, nenhum vai ter o renome do poema Sobre a natureza, de Lucrecio, das Geórgicas, de Virgílio, da Arte poética, de Horácio, ou dos Fastos, de Ovídio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYET, Jean. *Littérature latine*. 10. ed. Paris: Armand Colin, 1962.
- CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. Trad.: H. Feist. São Paulo: Cia. das Letras/Círculo do Livro, 1990.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *Festas romanas: da época dos reis ao advento do cristianismo*. Palestra proferida no VI Congresso da SBEC. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- _____. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CORREIA, Natália; FERREIRA, David Mourão. *Ars amatoria*. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- ELIADE, M. *História das crenças e das ideias religiosas*. Trad.: R. C. Lacerda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, v. 1, tomo 2.
- FARIA Ernesto. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- _____. *Gramática superior da língua latina*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette, 1934.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad.: Victor Jabouille. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2000.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LOPES, Eliana da Cunha. *Heroides XVI e XVII de Ovídio: um hino de amor*. 1993. Dissertação (de Mestrado em Língua e Literatura Latinas). – UFRJ/Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.
- MAROUZEAU, J. *Dictionnaire culturel de mythologie grécromaine*. Paris: Nathan, 1992.
- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OVID. *Fasti*. Tradução para o inglês: James George Frazer. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

OVIDE. *Les fastes*. Tradução para o francês, introdução e notas de E. Ripert. Paris: Garnier, 1934.

_____. *Les fastes*. Traduzido e anotado por Henri le Bonniec. Préface de Augusto Fraschetti. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

RIPERT, E. *Ovide poète de l'amour, des dieux et de exil*. Paris: Armand Colin, 1921.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.